

## COMENTÁRIOS INICIAIS SOBRE A CONTRAOFENSIVA DE OUTUBRO DO HAMAS - GILBERT ACHCAR<sup>1</sup>

09/10/223

A contraofensiva lançada pelo Hamas contra Israel em 7 de outubro de 2023, um dia após o 50º aniversário de outro ataque surpresa árabe a Israel - a Guerra de Outubro de 1973 - é um feito muito mais espetacular do que este último. Enquanto cinquenta anos atrás, os dois estados árabes do Egito e da Síria lançaram uma guerra convencional para tentar recuperar os territórios que Israel havia conquistado deles seis anos antes na Guerra de Junho de 1967, a nova contraofensiva lançada pelo Hamas evoca a audácia de Davi bíblico em sua luta contra o gigante Golias. Combinando meios rudimentares por via aérea, mar e terra - o equivalente à funda de Davi - os combatentes do Hamas executaram uma ofensiva surpreendente e muito ousada ao longo da zona de fronteira entre a Faixa de Gaza e o estado israelense.

Da mesma forma que a arrogante autoconfiança de Israel diante de seus vizinhos árabes foi destruída em 1973, a segurança e a impunidade que Israel vem dando como garantida em relação ao povo palestino e na luta contra os guerrilheiros palestinos foram gravemente e irreversivelmente prejudicadas. Nesse sentido, a contraofensiva de outubro do Hamas é para a população e o Estado de Israel um poderoso lembrete de sua vulnerabilidade e do fato de que não pode haver segurança sem paz e não pode haver paz sem justiça.

Independentemente do que se possa pensar da decisão do Hamas de lançar uma operação tão maciça contra o Estado de Israel, desencadeando inevitavelmente uma retaliação assassina em massa do governo israelense e incitando-o a tentar eliminar o Hamas e seus aliados da Faixa de Gaza a um custo enorme para os civis, o fato permanece que esta

---

<sup>1</sup> Professor na SOAS, Universidade de Londres; é autor de "The New Cold War: The United States, Russia, and China from Kosovo to Ukraine".

contraofensiva já e sem dúvida desferiu um golpe pesado na insuportável arrogância do governo racista e de extrema direita de Israel e em sua crença de que Israel poderia alguma vez atingir um estado de "normalidade" de coexistência com seu ambiente regional enquanto persegue o povo palestino e inflige a eles uma Nakba prolongada de despojo territorial, limpeza étnica e apartheid.

Não menos insuportável é a rapidez com que os governos ocidentais (e um governo ucraniano que deveria saber melhor sobre a luta legítima contra a ocupação estrangeira) expressaram sua solidariedade com Israel, em contraste com suas reações contidas aos brutais ataques de Israel à população palestina. A bandeira israelense foi projetada no Portão de Brandemburgo de Berlim na noite de 7 de outubro em uma exibição desprezível de bajulação ao estado de Israel, a marca registrada usual da redenção mal orientada da Alemanha pelos crimes nazistas contra judeus europeus, ao endossar os crimes de Israel contra os palestinos. Isso se torna ainda pior em um momento em que o governo de Israel é composto por todo o espectro das forças de extrema direita judaica, incluindo pessoas que um proeminente historiador do Holocausto israelense não hesitou em descrever de forma adequada no Haaretz como neo-nazistas!

Não menos desprezíveis são as tentativas de "analisar" a ofensiva do Hamas como um plano iraniano para atrapalhar o atual processo de aproximação entre o reino saudita e o Estado de Israel, que é patrocinado pelos EUA. Mesmo que seja verdade que Teerã deseje atrapalhar essa aproximação em vez de usá-la para reforçar sua reivindicação de monopólio sobre o anti-sionismo, uma hipótese muito discutível, essa negação da agência palestina por meio de teorias da conspiração é o equivalente exato da reação de todos os governos opressores a revoltas populares. Pressupõe que não existem razões suficientes para que o povo oprimido se revolte contra sua opressão e que qualquer movimento desse tipo é necessariamente inspirado pela mão invisível de algum governo estrangeiro.

Qualquer pessoa familiarizada com o que o povo palestino tem suportado ao longo de décadas e consciente do tipo de prisão a céu aberto em que a Faixa de Gaza se tornou, desde que foi ocupada em 1967 e depois evacuada pelas tropas israelenses em 2005 - uma prisão a céu aberto que periodicamente é alvo de um "tiroteio turco" israelense assassino - pode entender facilmente que a única razão pela qual atos quase desesperados de bravura como a operação mais recente do Hamas não ocorrem com mais frequência é a enorme desproporção militar entre o Davi palestino e o Golias israelense. A mais recente contraofensiva de Gaza de fato traz à mente o Levante do Gueto de Varsóvia em 1943.

Não há dúvida de que este novo capítulo terminará com um custo terrível para os palestinos em geral, os habitantes de Gaza em particular e o próprio Hamas - muito maior do que o custo suportado pelos israelenses, como tem sido invariavelmente o caso em cada rodada de combates entre Israel e os palestinos. E, embora não seja difícil entender a lógica do "já chega" por trás da contraofensiva do Hamas, é muito mais duvidoso que ela ajude a avançar a causa palestina além do golpe na autoconfiança de Israel mencionado anteriormente. Isso teria sido alcançado a um custo desproporcional para os palestinos.

A própria ideia de que tal operação, por mais espetacular que tenha sido, possa alcançar a "vitória" só pode derivar do tipo de pensamento mágico religioso que é característico de um movimento fundamentalista como o Hamas. A distribuição por seu serviço de informações de um vídeo mostrando a liderança do movimento rezando para agradecer a Deus na manhã de 7 de outubro é uma boa ilustração desse pensamento. Infelizmente, nenhuma mágica pode alterar o fato da maciça superioridade militar de Israel: o resultado da nova guerra contínua de Israel contra Gaza certamente será devastador.

Os ataques de 11 de setembro a Nova York e Washington infligiram um golpe espetacular na arrogância dos Estados Unidos. Eventualmente, eles aumentaram tremendamente a popularidade de George W. Bush e permitiram que ele lançasse 18 meses depois a ocupação do Iraque

que ambicionava. Da mesma forma, a contraofensiva de outubro do Hamas já conseguiu reunificar uma sociedade e um governo israelense previamente profundamente divididos, e permitirá a Benjamin Netanyahu implementar seus planos mais selvagens para infligir terror maciço aos palestinos para precipitar seu deslocamento forçado.

Por outro lado, se a liderança do Hamas estivesse apostando no Hezbollah do Líbano - e no Irã por trás dele - para se juntar à guerra em um nível que realmente colocasse Israel em perigo, essa aposta seria muito arriscada. Pois, não só está longe de ser certo que o Hezbollah assumiria o alto risco de entrar maciçamente em uma nova guerra com Israel, mas uma situação como essa, se ocorresse, inevitavelmente levaria Israel a recorrer irrestritamente ao seu poder de destruição maciça (que inclui armas nucleares), causando assim uma catástrofe de magnitude histórica.

Contra um opressor que é muito superior em meios militares, a única maneira verdadeiramente eficiente de luta para o povo palestino é escolher o terreno em que pode contornar essa superioridade. O auge da eficácia da luta palestina foi alcançado no ano de 1988 durante a Primeira Intifada, na qual os palestinos evitaram deliberadamente o uso de meios violentos. Isso levou a uma profunda crise moral na sociedade e na política de Israel, incluindo suas forças armadas, e foi um fator-chave que levou a liderança de Rabin-Peres a negociar os Acordos de Oslo de 1993 com Yasir Arafat - embora esses acordos tenham sido falhos devido à indulgência do líder palestino em devaneios.

A luta palestina deve se basear principalmente na ação política em massa contra a opressão, ocupação e expansão colonialista de Israel. A nova resistência armada subterrânea organizada por jovens palestinos em Jenin ou Nablus pode ser um eficaz adjuvante ao movimento de massa do povo, desde que seja baseada na prioridade deste último e concebida de forma a incentivá-lo. O apoio regional de que o povo palestino deve depender não é o de governos tirânicos como o do Irã, mas o dos povos que lutam contra esses regimes opressores. Aqui reside a verdadeira perspectiva potencial para a

libertação palestina, que precisa ser combinada com a emancipação da própria sociedade israelense da lógica do sionismo que inexoravelmente produziu a deriva cada vez maior de sua política para a extrema direita.

## "OS PALESTINOS FALAM A LINGUAGEM DA VIOLÊNCIA QUE ISRAEL LHE ENSINOU." - CHRIS HEDGES<sup>2</sup>

10/10/2023

O tiroteio indiscriminado de israelenses por parte do Hamas e outras organizações de resistência palestina, o sequestro de civis, o lançamento de foguetes em direção a Israel e os ataques com drones contra diversos alvos, desde tanques até ninhos de metralhadoras automatizadas, são a linguagem utilizada pelo ocupante israelense.

Israel tem se comunicado com os palestinos nessa linguagem sangrenta desde que as milícias sionistas ocuparam mais de 78% da Palestina histórica, destruindo cerca de 530 aldeias e vilas palestinas e matando aproximadamente 15.000 palestinos em mais de 70 massacres. Cerca de 750.000 palestinos sofreram uma limpeza étnica entre 1947 e 1949 para permitir a criação do Estado de Israel em 1948.

A resposta de Israel a essa incursão armada será um ataque genocida em Gaza. Eles matarão dezenas de palestinos para cada israelense morto. Centenas de palestinos já morreram como resultado dos ataques aéreos israelenses desde o início da Operação Tempestade de Al-Aqsa no sábado de manhã, que resultou na morte de 700 israelenses.

O primeiro-ministro Netanyahu advertiu no domingo aos palestinos de Gaza que eles precisavam "fugir agora" porque Israel planeja "reduzir a ruínas os esconderijos do Hamas". Mas para onde os palestinos de Gaza supostamente podem fugir? Israel e o Egito bloquearam as fronteiras terrestres, e não há saída por mar ou ar, ambos controlados por Israel.

---

<sup>2</sup> Christopher Lynn "Chris" Hedges é um jornalista vencedor do Prêmio Pulitzer, ministro presbiteriano, escritor e apresentador de televisão estadunidense. Descreve-se como um socialista e admirador de Dorothy Day. Por quase duas décadas foi correspondente na América Central, Oriente Médio, África e Balcãs

As represálias coletivas contra inocentes são uma tática familiar dos governos coloniais. Os Estados Unidos a usaram contra os nativos americanos e posteriormente nas Filipinas e no Vietnã. Os alemães a usaram contra os hereros e os namaquas na Namíbia. Os britânicos na Quênia e na Malásia. Os nazistas a usaram nas áreas que ocuparam na União Soviética e na Europa Oriental e Central. Israel segue o mesmo manual: morte por morte, atrocidade por atrocidade. Mas é sempre o ocupante quem inicia essa dança macabra, trocando montes de cadáveres por montes ainda maiores de cadáveres.

Aqui, não se trata de defender os crimes de guerra de nenhum dos lados, nem de se deleitar com os ataques. Testemunhei violência suficiente nos territórios ocupados por Israel, onde cobri o conflito por vários anos, para detestá-la. Mas esse é o desfecho conhecido de todos os projetos coloniais. Regimes estabelecidos e mantidos pela violência geram violência: a guerra haitiana de libertação, a rebelião do Mau Mau no Quênia, o Congresso Nacional Africano na África do Sul. Essas insurgências nem sempre triunfam, mas seguem padrões semelhantes. Os palestinos, como todos os povos colonizados, têm o direito à resistência armada de acordo com o Direito Internacional.

Israel nunca demonstrou interesse em uma solução justa com os palestinos. Construiu um Estado de apartheid e tem gradualmente anexado cada vez mais território palestino em uma campanha de limpeza étnica lenta. Em 2007, transformou Gaza na maior prisão ao ar livre do mundo.

O que Israel ou a comunidade internacional esperam? Como é possível aprisionar 2,3 milhões de pessoas em Gaza por 16 anos, metade das quais está desempregada, em um dos lugares mais densamente povoados do planeta, reduzir a vida de seus habitantes, metade dos quais são crianças, a um nível de subsistência, privá-los de suprimentos médicos básicos, comida, água e eletricidade, usar caças, artilharia, unidades mecanizadas, mísseis, canhões navais e infantaria para massacrar aleatoriamente civis desarmados e não esperar uma resposta violenta? Israel está realizando ondas de ataques aéreos contra Gaza, preparando uma invasão terrestre e cortando o

fornecimento de eletricidade para a Faixa de Gaza, que normalmente tem eletricidade por apenas duas a quatro horas por dia.

Muitos dos combatentes da resistência que se infiltraram em Israel sabiam, sem sombra de dúvida, que acabariam mortos. Mas, como outros combatentes da resistência em outras guerras de libertação, decidiram que, se não podiam escolher como viver, pelo menos escolheriam como morrer.

Eu era um amigo íntimo de Alina Margolis-Edelman, que participou da resistência armada no levante no gueto de Varsóvia durante a Segunda Guerra Mundial. Seu marido, Marek Edelman, foi o vice-comandante do levante e o único líder que sobreviveu à guerra. Os nazistas haviam confinado 400.000 judeus poloneses no gueto de Varsóvia. Os judeus aprisionados morreram em massa de fome, doenças e violência indiscriminada. Quando os nazistas começaram a transportar os judeus restantes para campos de extermínio, os combatentes da resistência se defenderam. Nenhum deles esperava sobreviver.

Após a guerra, Edelman condenou o sionismo como uma ideologia racista usada para justificar o roubo de terras palestinas. Ele se colocou ao lado dos palestinos, apoiou sua resistência armada e se encontrou frequentemente com líderes palestinos. Ele criticou a apropriação do Holocausto por parte de Israel para justificar a repressão do povo palestino. Enquanto Israel celebrava a mitologia do levante no gueto, tratava como párias o único líder sobrevivente do levante, que se recusou a deixar a Polônia. Edelman entendia que a lição do Holocausto e do levante no gueto não era que os judeus fossem moralmente superiores ou vítimas eternas. A História, dizia Edelman, pertence a todos. Os oprimidos, incluindo os palestinos, têm o direito de lutar por igualdade, dignidade e liberdade.

"Ser judeu significa estar sempre do lado dos oprimidos e nunca do lado dos opressores", dizia Edelman.

O levante no gueto de Varsóvia tem inspirado os palestinos por muito tempo. Representantes da Organização para a Libertação da Palestina

(OLP) costumavam colocar uma coroa de flores na comemoração anual do levante que ocorria na Polônia, no Monumento ao Gueto.

Quanto mais violência o colonizador exerce para subjugar o ocupado, mais se transforma em um monstro. O governo atual de Israel é composto por extremistas judeus, sionistas fervorosos e fanáticos religiosos que estão desmantelando a democracia israelense e pedindo a expulsão ou o assassinato em massa dos palestinos, incluindo aqueles que vivem dentro de Israel.

O filósofo israelense Yeshayahu Leibowitz, a quem Isaiah Berlin chamou de "a consciência de Israel", alertou que se Israel não separasse Igreja e Estado, geraria um rabinato corrupto que distorceria o judaísmo, transformando-o em uma seita fascista.

"O nacionalismo religioso é para a religião o que o Nazismo foi para o socialismo", dizia Leibowitz, que faleceu em 1994.

Ele previu que "os árabes seriam os trabalhadores e os judeus os administradores, inspetores, funcionários e a polícia, especialmente a polícia secreta. Um Estado que governa uma população hostil de um milhão e meio a dois milhões de estrangeiros teria que se tornar necessariamente um Estado policial, com todas as implicações para a educação, liberdade de expressão e instituições democráticas. A corrupção que impera em todo regime colonial também prevaleceria no Estado de Israel. A administração teria que suprimir a insurgência árabe de um lado e adquirir colaboradores árabes do outro. Há também boas razões para temer que as forças de defesa de Israel, que até agora eram um exército do povo, degenerassem ao se tornarem um exército de ocupação, e seus comandantes, que se tornariam governadores militares, se assemelhariam aos seus colegas de outras nações."

Leibowitz previu que a ocupação prolongada da Palestina inevitavelmente geraria "campos de concentração".

"Afirmava que Israel não merecia existir e não valeria a pena salvaguardá-lo."

A próxima etapa desta luta será uma campanha israelense de massacres em grande escala em Gaza, que já começou. Israel está convencido de que níveis mais elevados de violência finalmente esmagarão as aspirações palestinas. Israel está errado. O terror que Israel inflige é o terror que receberá.

### **UM ATAQUE SURPRESA - MAS NADA DE SURPREENDENTE SOBRE ISSO: DAN LA BOTZ<sup>3</sup>**

12 de outubro De 2023

A nova guerra no Oriente Médio entre o Hamas e Israel é um desastre para todas as pessoas da região, tanto israelenses quanto palestinas, e talvez muitas outras. Por mais de 50 anos, Israel aumentou o fogo sob a panela de pressão, e finalmente ela explodiu. O chocante ataque do Hamas é o resultado.

O ataque do Hamas, lançando mísseis em áreas civis, matando e sequestrando civis, homens, mulheres e crianças, é uma horrível violação do direito internacional humanitário. Mas os maciços bombardeios de Israel em Gaza, alegando focar em alvos militares, mas atingindo prédios residenciais, hospitais e mesquitas, são igualmente terríveis. O governo de Israel afirma que imporá um bloqueio completo em Gaza e nas duas milhões de pessoas que vivem lá, um ato inconcebível. Seu ministro da defesa chamou os palestinos de "animais humanos" - uma linguagem genocida - e anunciou um plano para levar a guerra a Gaza, sugerindo que ela será devastada, o que só pode ser catastrófico.

<sup>3</sup> Dan La Botz foi um membro fundador da Teamsters for a Democratic Union (TDU). Ele é autor de "Rank-and-File Rebellion: Teamsters for a Democratic Union" (1991). Ele também é co-editor da revista "New Politics" e editor do "Mexican Labor News and Analysis".

Embora o ataque de guerrilha do Hamas em Israel tenha pego todos de surpresa, na realidade não há nada de surpreendente sobre isso. Desde antes da fundação de Israel, os sionistas têm atacado os palestinos, tomando suas terras e expulsando muitos de suas casas e seu país. Desde 1948, Israel continuou a limpeza étnica dos palestinos, apreendeu terras e água e estabeleceu um estado de apartheid que torna os árabes dentro das fronteiras de Israel cidadãos de segunda classe.

Gaza é um território de cerca de dois milhões de pessoas, uma das áreas mais densamente povoadas do planeta. Sem controle sobre suas fronteiras, tem sido chamada de maior prisão do mundo. É uma descrição adequada. A Faixa de Gaza, a Cisjordânia e Jerusalém Oriental - que juntas compõem o Estado da Palestina - estão sob ocupação militar israelense desde 1967. Embora Israel supostamente tenha "desconectado" de Gaza em 2005, as Nações Unidas e grupos de direitos humanos ainda consideram Israel uma potência ocupante responsável pelo bem-estar da população e exigem o fim da ocupação. A ocupação israelense levou a conflitos militares repetidos - e agora a este último ataque violento.

Ouvi um ativista comparar o ataque do Hamas com a rebelião de Attica. Não é uma má comparação. Se você coloca prisioneiros em uma jaula e os tortura, eles vão se rebelar.

Embora as simpatias da esquerda tenham sido e continuarão a ser, com razão, para com o povo palestino, não se pode ter simpatia pelo Hamas. O Hamas é uma organização nacionalista de direita, fundamentalista religiosa, na verdade, não tão diferente nesses aspectos do governo atual de Israel. A política do Hamas não traz nada de bom para o povo palestino ou para a região. A resistência à opressão por meios legítimos é, claro, justificada. Mas o ataque recém-lançado a Israel envolveu crimes de guerra horríveis. Além disso, foi um fracasso estratégico, pois, como poderia ter sido previsto, quase certamente levará a um massacre israelense maciço e igualmente desumano de civis palestinos, e também pode desencadear uma guerra mais ampla no Oriente Médio.

Por décadas, aqueles da esquerda democrática têm defendido uma solução de um ou dois estados, com base em um governo (ou governos) secular e democrático em Israel/Palestina, no qual todas as pessoas teriam direitos iguais. Embora qualquer visão para a região pareça incrivelmente utópica no momento, somente um movimento que trabalhe por um estado secular e democrático pode fornecer um caminho a seguir. Enquanto isso, a esquerda deve continuar a se opor ao governo israelense e a exigir que o governo dos EUA pare de fornecer bilhões de dólares em armas.

A esquerda deve estar ao lado da Palestina. Mas isso não significa estar ao lado do Hamas.

10 de outubro de 2023

## PALESTINA VIVE E RESISTE | LÚCIO COSTA<sup>4</sup>

10/10/2023

---

*“Do rio que tudo arrasta, diz-se que é violento. Mas ninguém chama violentas às margens que o comprime”.*  
*Bertholt Brech*

Em 2023, se cumprem 28 anos dos acordos de paz celebrados pela OLP com Israel. Acordos que a nada levaram. Em realidade, ao longo destas décadas a política levada adiante pelo estado sionista deu as costas à paz.

O retorno de Netanyahu a frente do governo de Israel, calcado em uma aliança com a ultradireita sionista; a política de anexação da Cisjordânia; de limpeza étnica nas áreas de Hebron Hills e o Vale do Jordão; de expansão dos assentamentos e cobertura pelas forças de ocupação das ações terroristas dos colonos – em realidade hordas criminosas empenhadas em incendiar cultivos, confiscar terras, destruir e roubar propriedades palestinas, matar e diariamente humilhar aos palestinos – fez por acelerar a transformação

---

<sup>4</sup> Lúcio Costa é advogado, especialista em Direito Eleitoral.

de Israel num regime de apartheid. Tanto assim que os 5 milhões de palestinos que estão sob ocupação israelense não têm direito a voto.

Gaza, a essa altura, alvo de bombardeios das forças armadas de Israel, é considerada pelas organizações de direitos humanos a maior prisão ao ar livre de todo o planeta: são 2 milhões de habitantes totalmente cercados, controlados e bloqueados por Israel que, aliás, destruiu pelo menos um terço das terras agrícolas desta região desde 2000.

Aos milhões confinados no gueto em que Israel transformou Gaza não se somam os milhares de presos políticos palestinos detidos nos cárceres do apartheid. Hoje há 4900 presos políticos palestinos, dos quais 160 são menores e 30 são mulheres. Há 1016 em situação de detenção administrativa, sem julgamento nem acusação. Do total, 400 presos são oriundos de Jerusalém, 200 de Gaza e 150 de Israel. Quatro são deputados ao Conselho Legislativo Palestino e 554 cumprem penas de prisão perpétua. Há ainda 23 presos anteriores à assinatura dos Acordos de Oslo, que assumiam a libertação de todos os presos políticos palestinos.

Um dos signos maiores dessa escalada supremacista foi o reforço da presença das tropas sionistas e de bandas de *colonos* no Monte do Templo (Al-Aqsa) que culminou com a invasão militar de um dos espaços de maior significação para o Islã depois de Meca e Medina. Não à toa, a ação do Hamas tem como nome de Tempestade de Al-Aqsa.

Assim, a reação da resistência palestina e, em especial, os recentes ataques do Hamas – partido político apoiado pela maioria da população de Gaza – é resultado do que semeou Israel quando fechou o caminho à paz e se lançou a consolidação de um estado sionista baseado no apartheid e no genocídio do povo palestino.

Daí que, se trata de procurar culpados pelo terrorismo esses devem ser buscados exclusivamente no estado de Israel e naqueles que patrocina o supremacismo sionista. Pois, do contrário, estar-se-ia a igualar as vítimas aos carrascos, os torturadores aos torturados, as hordas de saqueadores aos que tem suas casas, terras e cultivos destruídos.

Nestas horas, há de ser feita sem meias palavras a denúncia da barbárie que desata Israel sobre Gaza eis que, aqui não há guerra alguma, mas sim uma operação militar levada adiante por uma potência nuclear para, a

pretexto das ações da resistência palestina, levar adiante o projeto de genocídio do povo palestino.

Nas ruas de Nova York, Paris, Lisboa, Madrid ecoam as vozes da solidariedade. No Brasil, o MST lançou nota de solidariedade na qual afirma que *“não descansaremos enquanto não conquistarmos uma Palestina livre, com capital em Jerusalém e com o legítimo direito ao retorno de todos os refugiados expulsos de suas casas, terras e aldeias! Seguiremos de mãos dadas com o povo Palestino, rompendo todas as cercas e muros que nos privam de viver e amar!”*. Em São Paulo os movimentos sociais organizam um ato em apoio a Palestina, para esta quarta-feira (11) no Galpão da Alameda Eduardo Prado, região central da capital paulista.

Sigamos nessa vereda e, desde os movimentos sociais e populares do campo e da cidade, da juventude, das mulheres e do povo negro, dos partidos populares organizemos comitês unitários em defesa da Palestina, realizemos ações de solidariedade ao povo palestino e, de boicote as empresas e ao governo de Israel.

Solidariedade e luta! Palestina Livre!

Leia aqui a nota do

MST: <https://mst.org.br/2023/10/09/todo-nosso-apoio-e-solidariedade-a-luta-palestina/>